

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

JULIA DORES MOREIRA

USOS DO VÍDEO NA PESQUISA EM PSICOLOGIA:
uma revisão

SÃO PAULO

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

JULIA DORES MOREIRA

USOS DO VÍDEO NA PESQUISA EM PSICOLOGIA:
uma revisão

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para
graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Prof. Dra. Rosa
Maria Tosta

SÃO PAULO
2009

à minha gatinha Branca
in memoriam

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, pela leitura e ajuda na finalização, e por me incentivar com a sua surpresa.

Ao meu pai e irmão, por estarem ao meu lado.

Às minhas amigas:

Lívia, por me escutar, pelo apoio, por estar ao meu lado nos momentos mais difíceis, e por me lembrar que eu era capaz de escrever.

Jana, por me ouvir e partilhar da minha braveza, e pela preocupação, apesar da correria.

Paulinha, por ser essa amiga especial e companheira, lutando comigo e caminhando junto para a finalização desse ciclo.

Às amigas do grupo de pesquisa “Captação de bebês de risco: detecção e intervenção precoce em psicopatologias graves”, por terem trilhado parte desse percurso ao meu lado.

À Maria Elisa Pessoa Labaki, pela escuta atenta e acolhedora.

À querida Silvana Rabello, pelo impulso inicial.

E à minha orientadora, Profa. Dra. Rosa Maria Tosta, por insistir na finalização desse trabalho.

RESUMO

Essa pesquisa faz um levantamento sobre os usos do vídeo, na pesquisa em psicologia no Brasil, nos últimos dez anos. Para o estudo desse material são definidas sete categorias de análise: “proposta de pesquisa”; “tipo de vídeo”; “para quê / como”; “outros recursos de coleta”; “sujeitos”; “tipo de estudo” e “justificativa(s) para o uso do vídeo”. Os resultados encontrados apontam que são diversas as possibilidades de uso do vídeo e que as escolhas (tipo de vídeo a ser utilizado, como e porquê) estão intimamente ligadas aos objetivos da pesquisa.

Palavras-chave: “usos do vídeo”; “vídeo e psicologia”; “metodologia”.

SUMÁRIO

Introdução	01
Cap. 1: Metodologia	02
Cap. 2: Levantamento	04
2.1. Pesquisas com estudos que envolvem a psicopatologia	04
2.2. Pesquisas com estudo que envolvem sujeitos com condições especiais	10
2.3. Pesquisas que estudam a interação de díades mãe-bebê ou adulto-bebê	14
2.4. Pesquisas voltadas para o estudo do desenvolvimento de bebês	21
2.5. Pesquisas voltadas para o estudo do desenvolvimento de crianças	24
2.6. Relação entre médico e paciente	28
2.7. Estudo de interações através de material publicitário	30
Cap. 3: Análise	31
3.1. Proposta de pesquisa	31
3.2. Sujeitos	33
3.3. Tipo de estudo	34
3.4. Outros recursos de coleta	35
3.5. Tipo de vídeo	36
3.6. Para quê / como	38
3.7. Justificativas para o uso do vídeo	40
Cap. 5: Discussão e Considerações Finais	44
Referências Bibliográficas	47

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de um caminho que iniciei no quarto ano da formação em psicologia, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ao integrar o grupo de pesquisa “Captação de bebês de risco: detecção e intervenção precoce em psicopatologias graves”. Minha contribuição a esse grupo se deu através de uma pesquisa em iniciação científica, cuja proposta era fazer um primeiro estudo videográfico.

Esse primeiro estudo tinha como objetivo inicial a criação de um vídeo, que contribuiria, entre outras coisas, para as aulas de capacitação de pediatras, ministradas por profissionais desse grupo. Porém o andamento da pesquisa revelou uma necessidade em se pensar sobre o uso do vídeo, voltado à área de saúde mental da primeira infância. Os objetivos iniciais foram reformulados, e assim a pesquisa seguiu novo rumo.

No início desse ano, enquanto ainda fazia minha pesquisa em iniciação científica, em uma conversa com a professora doutora Silvana Rabello (minha orientadora na iniciação científica), surgiu a idéia de se pensar num estudo, no campo da psicologia, sobre os usos do vídeo. A partir disso, em encontros com a minha orientadora de trabalho de conclusão de curso, a professora doutora Rosa Maria Tosta, fui dando forma a esse trabalho.

O vídeo é um recurso que vem sendo utilizado na pesquisa em psicologia, mas pouco tem se falado a esse respeito. Ao discutir sobre o vídeo, Carvalho et al. (1996), destacam e discutem um aspecto dele, o da videogravação como parte do registro. Dentro disso, investigam a contribuição específica da videogravação, para o pesquisador que utiliza dados de observação. Levantam que uma das contribuições é a de melhorar a precisão ou coerência com que o fenômeno é apreendido. Em seu estudo, analisam três aspectos: questões relacionadas ao registro, ao recorte do registrado em unidades de análise e à análise.

Pode ser a única forma de coleta para a pesquisa, como pode também ser utilizado junto a outros recursos, como questionários e entrevistas. Vários são os tipos de vídeo utilizados, que vão desde filmagens em situações naturais, a filmagens feitas em situação de laboratório. Pode-se utilizar material já produzido, como o caso dos vídeos familiares, que fazem parte do acervo da família; e também material produzido por outros pesquisadores.

O vídeo, por ser um recurso bastante utilizado e pouco discutido, faz com que seja necessário um novo aprofundamento, a partir de trabalhos científicos, na área da psicologia, que utilizam-no como parte de seu método.

METODOLOGIA

O ponto de partida para essa pesquisa consistiu em dez trabalhos científicos, dentro da área de saúde mental da criança¹, que utilizavam o vídeo em sua metodologia. Esse material vinha do meu acervo pessoal, que fora pesquisado durante o meu trabalho em iniciação científica. Fiz nova pesquisa, na base de dados BIREME, a fim de se encontrar novas referências, e fazer um recorte. Utilizei os descritores DeCSⁱⁱ “gravação em vídeo” e “gravação de videotape”, a fim de refinar melhor a pesquisa, e encontrar novos artigos. Esse método, porém, não foi muito eficiente, sendo possível acrescentar apenas quatro novos artigos. A dificuldade em achar trabalhos científicos que utilizavam o vídeo em seu método ocorreu em outros espaços, como nas bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, pois palavras-chave como “vídeo”, “filmagem”, “gravação em vídeo” e “gravação em videotape”, raramente entravam como palavras-chave da pesquisa.

A partir disso, fez-se nova pesquisa, na base de dados LILACS (onde anteriormente tinha sido encontrada a maior parte dos artigos), utilizando um critério por palavras, buscando pesquisas que tivessem as palavras “vídeo” e “psicologia”. Essa busca deu um resultado que contemplava pesquisas de diversas áreas de conhecimento (medicina, fonoaudiologia, psicologia, entre outras), e com a palavra “vídeo”, porém fora do contexto de “uso de vídeo”, definido para essa pesquisa. No meio desses artigos, porém, foi possível selecionar um novo material para a pesquisa, que junto ao que já se tinha, passou a fazer parte do material bruto de artigos, que foi então selecionado, a fim de se delimitar quais seriam utilizados para a presente pesquisa.

Foram selecionados 17 trabalhos científicos (15 artigos, 1 dissertação de mestrado e 1 trabalho de conclusão de curso), seguindo-se alguns critérios: trabalhos de pesquisadores brasileiros, dentro da psicologia, feitos no Brasil, do ano de 1998 até o ano de 2007, a fim de se fazer um estudo sobre os usos que vem sendo feitos do vídeo, na última década, aqui no Brasil. Artigos que contemplavam diferentes áreas de pesquisa, com variabilidade na forma como o vídeo era aplicado e tipo de vídeo utilizado.

Para o levantamento de dados desse material, foi feita uma tabela com sete itens, a fim de compará-los. O primeiro esboço de tabela continha os seguintes itens: tipo de uso, tipo de vídeo e justificativa do uso. Após reformulações ao longo

¹ As notas estão localizadas ao final do texto, na página 45

da pesquisa, chegou-se nos seguintes itens: “Proposta de pesquisa”; “tipo de vídeo”; “para quê / como”; “outros recursos de coleta”; “sujeitos”; “tipo de estudo” e “justificativa(s) para o uso do vídeo”.

A partir disso, as pesquisas foram relidas e foi montada uma tabela por pesquisa, a fim de gerar dados para análise.

LEVANTAMENTO

Pesquisas com estudos que envolvem a psicopatologia:

Tabela 01:

BANDEIRA, Marina et al . Competência social de psicóticos: o comportamento de olhar nas fases de escuta e de elocução de interações sociais. <u>Estudos de Psicologia, (Natal)</u> , Natal, 8(3) pp.479-489, dezembro 2003.	
Proposta de pesquisa	A pesquisa investiga a interação social de pacientes psicóticos, e para isso estuda o comportamento de olhar em dois momentos: de escuta e de elocução.
Tipo de vídeo	Filmagem feita em situação de laboratório, em 4 situações sociais de fazer e receber críticas. Os sujeitos interagiam com interlocutores treinados, através de desempenho de papéis, que representavam situações cotidianas entre membros de uma família.
Para quê / como	Para que as imagens filmadas possam ser transformadas em dados para análise, através da observação sistemática do comportamento, feita por dois pares de juízes independentes, “cegos” quanto ao grupo ao qual o sujeito faz parte. O comportamento de olhar foi dividido em 4 categorias: <ol style="list-style-type: none">1. Proporção da duração do contato visual por fase;2. Frequência/minuto do contato visual por fase;3. Frequência/minuto dos desvios de olhar por fase;4. Frequência/minuto do piscar por fase.
Outros recursos de coleta	Além do vídeo não foi utilizado outro recurso.
Sujeitos	70 sujeitos homens, de nível sócio econômico baixo, moradores da mesma região, divididos em dois grupos. Grupo clínico: São 35 pacientes psiquiátricos desinstitucionalizados; com idade média de 39,4 anos; selecionados a partir dos arquivos do Hospital Psiquiátrico da FHEMIG, de Barbacena, e do Hospital Paulo Menicucci,

	<p>de Lavras, com diagnóstico como CID-295 e CID-298. Estavam medicados com drogas anti-psicóticas no período da pesquisa.</p> <p>Grupo não-clínico: são 35 homens com idade média de 37,4 anos, sem história psiquiátrica.</p>
Tipo de estudo	É feito um estudo comparativo entre dois grupos (grupo clínico e grupo não clínico), do comportamento de olhar entre o sujeito e um interlocutor. O estudo é não-longitudinal.
Justificativa(s) para o uso do vídeo	<ul style="list-style-type: none"> - Por permitir que mais de uma pessoa possa avaliar a mesma situação, em momentos diferentes. - Abre a possibilidade de se analisar uma categoria de comportamentos por vez. - O observador pode rever uma determinada cena quantas vezes for necessário. - Em categorias de análise consideradas de medidas mais difíceis, é possível que o observador assista ao mesmo trecho três vezes, cronometrando sempre, e utilizando como dado a mediana das três medidas.

* * *

Tabela 02:

BANDEIRA, Marina et al . Desempenho social de psicóticos em função do comportamento do interlocutor. <u>Interação em Psicologia</u> , Curitiba, 8(2), p.245-256, 2004.	
Proposta de pesquisa	A pesquisa estuda o desempenho social de pacientes psiquiátricos, em função das reações do interlocutor, em interações sociais, a fim de investigar quais comportamentos dos interlocutores estão mais relacionados a um desempenho social mais competente, e quais a um desempenho social menos competente, em pacientes psicóticos.
Tipo de vídeo	Utilização de vídeos previamente gravados, em situação de laboratório. A situação gravada era de desempenho de

	<p>papéis, em quatro situações cotidianas, variando-se o gênero do interlocutor e as demandas das situações.</p>
Para quê / como	<p>Para que as imagens filmadas possam ser transformadas em dados para análise, através da observação feita por dois observadores previamente treinados e independentes, “cegos” quanto ao grupo ao qual o sujeito faz parte.</p> <p>Dos sujeitos, foram observados os seguintes comportamentos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Duração da fala; 2. Comportamento de olhar (frequência e duração); 3. Comportamento de interromper a fala do interlocutor. <p>Dos interlocutores, foram observados os comportamentos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Frequência de movimentos verticais de cabeça do interlocutor, na fase de escuta, indicativos de atenção à fala do sujeito; 2. Frequência de respostas verbais de feedback positivas do interlocutor, na fase de escuta, indicativas de aprovação ao discurso do sujeitos e encorajamento para que ele continuasse; 3. Frequência e duração do olhar do interlocutor em direção ao sujeito, nos momentos em que o está escutando, indicativos de atenção à fala do sujeito; 4. Frequência e duração do olhar do interlocutor enquanto está falando com o sujeito; 5. Frequência e duração do olhar do interlocutor durante os intervalos de silêncio que ocorrem entre as falas dos dois; 6. Duração da fala do interlocutor; 7. Frequência do comportamento do interlocutor de interromper os sujeitos. (Bandeira, 2004, p.248)
Outros recursos de coleta	Além do vídeo não foi utilizado outro recurso.
Sujeitos	70 sujeitos homens, de nível sócio econômico baixo, moradores da mesma região, divididos em dois grupos.

	<p>Grupo clínico: São 35 pacientes psiquiátricos desinstitucionalizados; com idade média de 39,40 anos; selecionados a partir dos arquivos do Hospital Psiquiátrico da FHEMIG, de Barbacena, e do Hospital Paulo Menicucci, de Lavras, com diagnóstico como CID-295 e CID-298. Tendo sido excluídos pacientes que apresentavam: retardo mental, distúrbios orgânicos, ou aqueles que tiveram dificuldade de entender as instruções durante sessões experimentais.</p> <p>Grupo não-clínico: são 35 homens com idade média de 37,37 anos, sem história psiquiátrica.</p>
<p>Tipo de estudo</p>	<p>É feito um estudo comparativo entre dois grupos (grupo clínico e grupo não clínico), a fim de investigar como os comportamentos dos interlocutores estão relacionados a um desempenho social mais e menos competente, de pacientes psicóticos. O estudo é não-longitudinal.</p>
<p>Justificativa(s) para o uso do vídeo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Por permitir que mais de uma pessoa possa avaliar a mesma situação, em momentos diferentes. - Abre a possibilidade de se analisar uma categoria de comportamentos por vez. - O observador pode rever uma determinada cena quantas vezes for necessário. - Possibilita que, em caso de desacordo entre os observadores, estes possam re-assistir a cena em questão, juntos, a fim de chegar a um acordo. Caso não se chegasse a um acordo, era possível que a mesma cena fosse assistida junto ao pesquisador. - Em categorias de análise consideradas de medidas mais difíceis, é possível que o observador assista ao mesmo trecho três vezes, cronometrando sempre, e utilizando como dado a mediana das três medidas.

* * *

Tabela 03:

<p>GARCIA, M. L. <u>Identificação precoce dos transtornos do espectro autista: um estudo de vídeos familiares</u>. Rio de Janeiro, 2006. 103p. Dissertação (Mestrado em Psicologia clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.</p>	
<p>Proposta de pesquisa</p>	<p>A pesquisa visa elaborar e testar uma metodologia que permita com que profissionais possam reconhecer categorias comportamentais que possam indicar risco de TEA (transtorno do espectro autista) aos 12 meses de idade.</p>
<p>Tipo de vídeo</p>	<p>Vídeos familiares, de bebês aos 12 meses de idade, com adultos que interagem com eles.</p>
<p>Para quê / como</p>	<p>Primeiramente, os vídeos são assistidos integralmente. Em seguida, faz-se uma seleção do material para análise. Define-se que as cenas analisadas serão aquelas em que <i>“se inicia o registro das ações dos participantes até o momento que o registro dessas ações é interrompido definitivamente”</i>; (p. 67) seguindo alguns outros critérios:</p> <ol style="list-style-type: none">1. duração mínima de 40 segundos;2. configura oportunidade de interação social ou ação sobre objetos;3. imagem do bebê é nítida;4. se o número de pessoas na tela for superior à 5, elas deverão estar participando da mesma atividade. <p>A partir desse critério, foram selecionadas 20 cenas, divididas igualmente entre os grupos. Elas foram transcritas integralmente (descrevendo ações, expressões faciais, expressões corporais, falas e vocalizações), e analisadas segundo as categorias:</p> <ol style="list-style-type: none">a. análise das interações, tanto do bebê com o adulto, como do bebê em grupo, buscando-se definir o estilo de interação de cada grupo.b. análise das categorias discretas dos bebês e dos adultos (olhar para pessoas; olhar para objetos; ignorar pessoas; ação dirigida aos objetos; ajustar sua ação com a ação de pessoas.)

	Os dados gerados foram submetidos à análise de freqüência de cada uma das categorias, em cada grupo, que depois foram analisados e discutidos na pesquisa.
Outros recursos de coleta	Além do vídeo não foi utilizado outro recurso.
Sujeitos	4 bebês do sexo masculino, divididos em 2 grupos: Grupo A: bebês posteriormente diagnosticados com TEA (transtorno do espectro autista), a partir de critérios do DSM-IV e CID-10. Grupo B: bebês com desenvolvimento típico (DT).
Tipo de estudo	Estudo não-longitudinal e comparativo entre dois grupos (TEA e DT).
Justificativa(s) para o uso do vídeo	<ul style="list-style-type: none"> - Permite que se tenha acesso a vídeos de um momento anterior, no caso de crianças com TEA, vídeos de quando eram bebês, anteriores ao início do diagnóstico e tratamento, a fim de se estudar possíveis indicadores de risco. - Segundo a pesquisadora, o uso do vídeo permite que seja feita uma análise qualitativa das interações sociais adulto-bebê. - E também permite analisar as interações do bebê em jogos sociais com grupos de pessoas.

Pesquisas com estudo que envolvem sujeitos com condições especiais:

Tabela 04:

SILVA, Nara Liana Pereira; DESSEN, Maria Auxiliadora. Crianças com síndrome de Down e suas interações familiares. <u>Psicol. Reflex. Crit.</u> , Porto Alegre, v.16, n.3, 2003.	
Proposta de pesquisa	A pesquisa busca conhecer como se desenvolvem as interações de crianças com Síndrome de Down, em idade pré-escolar, dentro de suas famílias, através de interações: criança-mãe, criança-pai e criança-mãe-pai.
Tipo de vídeo	Filmagem feita na casa da família, em situação de atividade livre . Define-se por atividade livre: atividades de lazer, brincadeiras, excluindo-se aquelas de cuidados rotineiros com a casa e com a higiene da criança. São feitas sessões da criança com cada um dos genitores separadamente, e com os dois ao mesmo tempo. São registradas ao todo 18 sessões para as 6 famílias, com uma média de 9min 51s por sessão.
Para quê / como	Para se fazer a transcrição de cada sessão, seguindo o modelo proposto por Dessen (1984, 1992) ⁱⁱⁱ , que foi adaptado para este estudo, e que contempla: <ol style="list-style-type: none">1. atividades desenvolvidas;2. estrutura de participação nas interações;3. tipos de transição de uma atividade para outra;4. qualidade dos episódios interacionais;5. categorias comportamentais. (p 505) Os dados gerados foram analisados através das freqüências de ocorrência em cada uma das situações de interação (criança-mãe; criança-pai e criança-mãe-pai).
Outros recursos de coleta	Foram utilizados questionários e entrevistas semi-estruturadas. Questionário aplicado à mãe, com a finalidade de caracterizar a família; e entrevistas realizadas com a mãe e com o pai, separadamente, a fim de abordar: aspectos da história de vida da criança, desde o momento

	de sua gestação; aspectos sobre o diagnóstico, iniciativas e reações dos pais frente a isso; hábitos e costumes da criança e da família; características comportamentais e emocionais da criança; e expectativas dos pais em relação à criança com Síndrome de Down. (p. 505)
Sujeitos	6 famílias, compostas cada uma por mãe, pai e criança com Síndrome de Down, morando juntos. Sendo três crianças do sexo masculino e três do sexo feminino, com idades entre 2 anos e 3 anos e 5 meses.
Tipo de estudo	Estudo não-longitudinal e não comparativo entre grupos.
Justificativa(s) para o uso do vídeo	- Permite que seja feito um índice de concordância entre observadores, que nesse caso teve um índice global de 68,7%. - Permite que seja feita uma transcrição detalhada, contemplando os aspectos descritos no item “para quê”.

* * *

Tabela 05:

SOUSA, Ana Delias de; BOSA, Cleonice Alves; HUGO, Cristina Neves. As relações entre deficiência visual congênita, condutas do espectro do autismo e estilo materno de interação. In: <u>Estudos de Psicologia</u> , Campinas, 22(4) p.355-364, outubro - dezembro 2005.	
Proposta de pesquisa	A pesquisa tem como objetivo examinar possíveis condutas do espectro do autismo em crianças com deficiência visual congênita.
Tipo de vídeo	Filmagem em situação de laboratório, em sessão de brinquedo livre, com duração de 30 minutos, dos quais eram desconsiderados para análise 5 minutos iniciais. Define-se por brinquedo livre uma situação de brincadeira na qual nenhuma instrução é dada à mãe sobre como brincar com seu filho.
Para quê / como	Para codificação de comportamentos da díade, feita por dois observadores “cegos” quanto aos objetivos do estudo,

	<p>que seguiram adaptação do protocolo de registro desenvolvido por Bosa (1998)^{iv}. A transcrição, dividida por episódios, delimitando-se cada episódio da seguinte maneira: <i>“Os episódios tinham seu início quando a criança se dirigia ao parceiro para a realização de uma atividade e terminavam quando o foco de interesse mudava para outro objeto ou evento, registrando-se o tempo de início e término de cada episódio em minutos e segundos.”</i> (p. 359)</p> <p>Esses comportamentos foram divididos da seguinte maneira:</p> <p>Maternos: compartilhamento de tópico; diretividade e contato físico-afetivo.</p> <p>Infantis: atenção compartilhada; brinquedo e estereotípias.</p> <p>Os dados gerados foram analisados a partir de índices de frequência de cada gesto, por grupo. E analisados em relação também à qualidade, no caso categoria de “brinquedo”, com base nas definições de “brinquedo exploratório”, em Sousa et Bosa (2002b)^v.</p>
Outros recursos de coleta	Entrevista que visa coletar dados sócio-demográficos e de desenvolvimento da criança. O roteiro utilizado foi adaptado de Bosa (1998) ^{vi} , com a inclusão de questões específicas sobre a deficiência visual congênita.
Sujeitos	<p>8 díades mãe criança (crianças entre 2 a 6 anos), divididas em dois grupos.</p> <p>Grupo 1: 4 crianças com deficiência visual congênita;</p> <p>Grupo 2: 4 crianças com desenvolvimento típico.</p> <p>Todas as crianças apresentavam boas condições clínicas e moravam com a mãe biológica. As crianças com deficiência visual congênita não portavam nenhum outro tipo de deficiência sensorial.</p>
Tipo de estudo	Estudo não longitudinal e comparativo entre dois grupos.
Justificativa(s) para o uso do vídeo	<ul style="list-style-type: none"> - Por permitir que mais de uma pessoa possa avaliar a mesma situação, em momentos diferentes. - Abre a possibilidade de se analisar uma categoria de comportamentos por vez.

	<ul style="list-style-type: none">- O observador pode rever uma determinada cena quantas vezes for necessário.- Permite que seja realizado um índice de concordância entre os observadores.
--	--

Pesquisas que estudam a interação de díades mãe-bebê ou adulto-bebê:

Tabela 06:

RIBAS, Adriana F. Paes; SEIDL DE MOURA, Maria Lucia. Manifestações iniciais de trocas interativas mãe-bebê e suas transformações. <u>Estud. psicol. (Natal)</u> , Natal, v.4, n.2, Dec. 1999.	
Proposta de pesquisa	A pesquisa, inserida numa abordagem sócio-cultural, linha que considera as interações sociais como constitutivas do desenvolvimento (Ribas et Seidl de Moura, 1999), tem como objetivo descrever e analisar transformações ocorridas nas atividades de trocas interativas da mãe e do bebê e em que contextos elas ocorrem.
Tipo de vídeo	Filmagem feita em situação natural, por um observador, quando apenas a mãe e o bebê estavam presentes. Eram filmados 30 minutos, dos quais eram desconsiderados para análise os primeiros 5 minutos, por representar um período inicial de familiarização com a filmagem, e últimos 5 minutos.
Para quê / como	Para análise, em intervalos fixos de 30 segundos, registrando a ocorrência ou não, de cada categoria de observação em cada intervalo. Para o registro foi utilizado um instrumento desenvolvido especificamente para esse estudo, que é uma planilha chamada " <i>Folha de Registro de Interação e Atividades (FRIA)</i> ". (p. 277) Categorias de observação: Interação , que era dividida em interação e tentativa de interação não efetivada; atividade , da mãe (como gestos, vocalizações, fala, cantar, olhar o bebê, pegar no colo, mostrar objeto) e do bebê (como olhar a mãe, olhar o ambiente, sorrir, mamar, tocar a mãe); e observações de contexto , que eram os contextos em que se davam as atividades, como, por exemplo, cuidado e amamentação.
Outros recursos de coleta	Além do vídeo não foi utilizado outro recurso.
Sujeitos	Uma díade mãe-bebê, sendo o bebê menino, nascido a

	termo e saudável. Mãe aos 27 anos no período de coleta, de classe social média e nível de instrução superior.
Tipo de estudo	Estudo longitudinal, das interações de uma díade mãe-bebê, em quatro momentos: quando o bebê tinha 2 semanas; 10 semanas; 15 semanas e 21 semanas. Não é feito um estudo comparativo entre grupos.
Justificativa(s) para o uso do vídeo	<ul style="list-style-type: none"> - Por permitir que 20% dos trechos dos vídeos, selecionados aleatoriamente, fossem submetidos a dois juízes, a fim de calcular o índice de fidedignidade. - Para permitir que seja feita uma análise em intervalos de 30 segundos. - Por possibilitar o estudo de mais de uma categoria de observação.

* * *

Tabela 07:

<p>LYRA, Maria C. D. P.. Desenvolvimento de um sistema de relações historicamente construído: contribuições da comunicação no início da vida. <u>Psicol. Reflex. Crit.</u>, Porto Alegre, v.13, n.2, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722000000200006&lng=pt&nrm=iso>.</p>	
Proposta de pesquisa	A pesquisa investiga a comunicação como processo de mudança, nos primeiros meses de vida do bebê, estudando o movimento e construção da comunicação, de díades mãe-bebê.
Tipo de vídeo	<p>Registros semanais, ao longo dos primeiros oito meses de vida do bebê, sendo em situação natural e situação de laboratório, organizados da seguinte maneira:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. três díades brasileiras, em situação natural, com 40 minutos de gravação por registro; 2. cinco díades brasileiras e treze norte-americanas, em situação de laboratório, com 20 minutos de gravação por registro. <p>Para a pesquisa são analisados os seguintes vídeos:</p>

	<ol style="list-style-type: none"> 1. uma díade brasileira em situação natural; 2. quatro díades brasileiras e quatro díades americanas em situação de laboratório.
Para quê / como	<p>Para que as imagens coletadas possam ser transcritas, seguindo o critério de <i>microanálise</i> (análise segundo-a-segundo), e depois analisadas. São observados e estudados os seguintes aspectos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. trocas face-a-face; 2. trocas mãe-objeto-bebê.
Outros recursos de coleta	Além do vídeo não foi utilizado outro recurso.
Sujeitos	Díades mãe-bebê, brasileiras e norte-americanas, de classe sócio-econômica média, com bebês considerados saudáveis a partir de exames pediátricos. São estudadas 5 díades brasileiras e 4 norte-americanas.
Tipo de estudo	Estudo longitudinal, durante os primeiros oito meses de vida do bebê, das trocas mãe-bebê face-a-face e mãe-objeto-bebê. Estudo de múltiplos casos, não comparativo entre grupos.
Justificativa(s) para o uso do vídeo	<ul style="list-style-type: none"> - Possibilita que seja feita uma <i>microanálise</i> do processo comunicativo, que é uma análise feita segundo-a-segundo. - Permite que num primeiro momento o observador assista os vídeos para criar intimidade com os dados, para que num segundo momento faça uma transcrição.

* * *

Tabela 08:

DIAS, Elizabete Nogueira de Moraes. <u>O brincar na relação mãe-bebê</u> . São Paulo, 2004. 52p. Trabalho de Conclusão de Curso – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.	
Proposta de pesquisa	Estudar e explorar o brincar que se desenvolve na relação mãe/bebê e alguns aspectos de suas funções na díade.
Tipo de vídeo	Filmagem em situação natural, de aproximadamente 30

	minutos, feita pela pesquisadora, de díades mãe-bebê, em duas situações: banho e alimentação.
Para quê / como	Para que fosse feita uma observação clínica da filmagem, e para posteriores interpretações.
Outros recursos de coleta	Além do vídeo, a pesquisadora utiliza suas anotações dos momentos anteriores ao início da gravação.
Sujeitos	Duas díades mãe-bebê. - uma menina de sete meses e sua mãe, que de acordo com a mãe teve uma gestação tranqüila, e cujo desenvolvimento transcorria normalmente até o momento da filmagem. - um menino de um ano e sua mãe, que diz ter tido uma gestação sem intercorrências, e cujo desenvolvimento transcorria normalmente até o momento da filmagem.
Tipo de estudo	É um estudo não longitudinal e não comparativo entre grupos ou sujeitos, que investiga o brincar na relação entre a díade mãe-bebê.
Justificativa(s) para o uso do vídeo	- Permite uma seleção posterior às filmagens, sobre quais imagens serão utilizadas. Das cinco díades filmadas, são selecionadas duas, pois, segundo a pesquisadora, <i>“nas mesmas o brincar está mais claro e exposto e portanto serve melhor às intenções desse trabalho.”</i> (p. 36) - Permite que o material possa ser disponibilizado para outros pesquisadores (uma cópia do registro está disponibilizado na biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), possibilitando que sua compreensão possa ser enriquecida por outros olhares.

* * *

Tabela 09:

SEIDL DE MOURA, Maria Lucia et al . Interações iniciais mãe-bebê. <u>Psicol. Reflex. Crit.</u> , Porto Alegre, v.17, n.3, pp. 295-302, 2004.	
Proposta de pesquisa	A pesquisa investiga as interações iniciais mãe-bebê, em um contexto urbano brasileiro. Tem como objetivos: <ol style="list-style-type: none">1. Investigar características das interações iniciais mãe-bebê;2. relações entre essas características e concepções da mãe acerca das competências do bebê;3. avaliar relações entre ocorrência de determinadas atividades da mãe, e concepção materna acerca das competências do bebê;4. e relações entre atividades da mãe e estado de vigília dos bebês.
Tipo de vídeo	Vídeos realizados em situação natural, quando apenas a mãe e o bebê estavam presentes, com duração de 20 minutos cada. Desses 20 minutos, 5 deles (iniciais ou finais) eram desconsiderados para análise.
Para quê / como	Fazer uma análise, em intervalos fixos de 30 segundos, registrando-se ocorrência de atividades da mãe e do bebê nesses intervalos. Isso gera dados, para serem analisados quantitativamente e qualitativamente. São investigadas as seguintes categorias: <i>“interações mãe-bebê, atividades da mãe e do bebê, estados de vigília do bebê e contextos específicos de troca”</i> (p.298). A análise quantitativa faz-se a partir da porcentagem de ocorrência das atividades da mãe e de interação. E a análise qualitativa, a partir de um quadro comparativo das atividades realizadas pela mãe e pelo bebê.
Outros recursos de coleta	Aplicação de um questionário, após a filmagem, visando investigar as concepções da mãe, acerca das competências do bebê.
Sujeitos	30 díades mãe bebê, residentes em várias regiões das cidades do Rio de Janeiro, São Gonçalo e Nova Iguaçu. Bebês com uma média de 29 dias. Mães, de níveis de

	instrução variados, com uma média de 28 anos de idade, e com aproximadamente o mesmo número de mães que trabalhavam fora e que não trabalhavam.
Tipo de estudo	Estudo não longitudinal e não comparativo entre grupos, com sujeitos múltiplos.
Justificativa(s) para o uso do vídeo	- Para permitir que seja feita uma análise em intervalos de 30 segundos. - Por possibilitar o estudo de mais de uma categoria de observação.

* * *

Tabela 10:

SEABRA, Karla da Costa; SEIDL DE MOURA, Maria Lucia. Alimentação no ambiente de creche como contexto de interação nos primeiros dois anos de um bebê. <i>Psicol. estud.</i> , Maringá, v.10, n.1, Apr. 2005.	
Proposta de pesquisa	A pesquisa, que está inserida numa abordagem sócio-cultural, linha que considera as interações sociais como constitutivas do desenvolvimento (Ribas et Seidl de Moura, 1999), busca, com esse estudo, investigar o contexto das interações em díades adulto-bebê, nas situações de alimentação.
Tipo de vídeo	Filmagem feita em situação natural, em momento de alimentação, com duração do tempo de alimentação. No primeiro mês, em casa, no momento de amamentação. Nos três momentos seguintes, na creche, com a berçarista responsável por aquele bebê.
Para quê / como	Análise de todos os minutos filmados, em intervalos de 30 segundos, seguindo instrumento de observação e análise de interação mãe-bebê, desenvolvido por Ribas (1996) ^{vii} , acrescentando-se outras categorias necessárias, para que esse instrumento se adeque ao contexto de alimentação. As categorias de observação incluem as seguintes interações e atividades: <i>Adulto: "gestos, vocalizações, fala, atribuição de significado,</i>

	<p><i>sorriso, toque, olhar o bebê, mostrar objeto, mostrar objetos específicos da alimentação, oferecer alimento, cantar e pegar no colo.</i>” (p. 82)</p> <p>Bebê: <i>“olhar para o ambiente, olhar para o adulto, movimentar membros, tocar o adulto, mamar, segurar objeto, segurar objetos específicos da alimentação, vocalizar, sorrir, fechar os olhos, rejeitar alimento e aceitar alimento.”</i> (p.82)</p> <p>Artefatos utilizados nesse contexto, como artefatos de higiene, alimentação e entretenimento. E <i>“scripts (chamar a atenção do bebê para o alimento, utilizando ou não artefatos culturais).”</i> (p. 82)</p>
Outros recursos de coleta	<p>Entrevistas semi-estruturadas feitas com a mãe e com a berçarista, em momentos diferentes do desenvolvimento do bebê, a fim de se obter dados sobre a alimentação dele</p> <p>Entrevistas com a mãe: no nono mês de gestação; no primeiro mês de vida do bebê e aos 24 meses de vida do bebê.</p> <p>Entrevistas com a berçarista: aos 5 meses do bebê (fase de alimentação semi-sólida); aos 7 meses (fase de alimentação branda) e aos 24 meses (fase de alimentação sólida).</p>
Sujeitos	<p>Família de classe média, e creche particular. Sendo participantes da pesquisa o bebê, sua mãe e seu cuidador (berçarista) na creche.</p> <p>Bebê nascido a termo, saudável e sem alterações de desenvolvimento durante seus dois primeiros anos de vida.</p>
Tipo de estudo	<p>É feito um estudo longitudinal, das interações de um bebê com seus cuidadores (mãe e berçarista), em momento de alimentação, no primeiro mês, aos 5 meses, 7 meses e 2 anos. O estudo não é comparativo entre grupos.</p>
Justificativa(s) para o uso do vídeo	<ul style="list-style-type: none"> - Para permitir que seja feita uma análise em intervalos de 30 segundos. - Por possibilitar o estudo de mais de uma categoria de observação.

Pesquisas voltadas para o estudo do desenvolvimento de bebês:

Tabela 11:

ZANELLA, Andréa Vieira; ANDRADA, Edla Grisard Caldeira de. Processos de significação no brincar: problematizando a constituição do sujeito. <u>Psicol. estud.</u> , Maringá, v.7, n. 2, pp. 127-133, jul./dez. 2002.	
Proposta de pesquisa	A pesquisa estuda os processos de produção, socialização e apropriação de significações e, para isso, analisa uma situação de brincadeira entre uma professora e alguns bebês, estudando a participação de cada um em relação às significações que são geradas naquele contexto.
Tipo de vídeo	Filmagem em situação natural, com 12 horas de duração, de um dia na creche, que funciona de forma integral.
Para quê / como	O material é coletado para que se possa fazer um recorte, selecionando uma cena considerada ideal para o objetivo do estudo. Para isso, assiste-se as 12 horas, para depois selecionar qual situação lúdica será objeto de análise. Depois de selecionada a cena (cena em que uma professora interage com dois bebês, em brincadeira de “cadê? Achou!”), é feita uma transcrição das ações e falas, que é analisada a partir do enfoque da psicologia histórico-cultural.
Outros recursos de coleta	Além do vídeo não foi utilizado outro recurso.
Sujeitos	12 crianças de uma creche comunitária (na região central de Florianópolis), com idade de 5 a 12 meses; uma professoras e duas auxiliares. Para análise foi utilizado um episódio, do qual participam dois bebês de aproximadamente 8 meses, e uma professora.
Tipo de estudo	Estudo não-longitudinal e não comparativo entre grupos.
Justificativa(s) para o uso do vídeo	- Permite que seja feita uma transcrição que descreve com minúcia as ações realizadas e na ordem em que acontecem. - Permite que o observador possa, a partir de um material

	bruto, selecionar aquela cena que considera mais adequada para seu estudo.
--	--

* * *

Tabela 12:

VASCONCELOS, Cleido Roberto Franchi e et al . A incompletude como virtude: interação de bebês na creche. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v.16, n.2, 2003.

Proposta de pesquisa	Pesquisa a interação de bebês (de 7 a 14 meses) em creche, destacando o aspecto da incompletude motora, como um possibilitador de interação entre bebês nessa faixa etária.
Tipo de vídeo	Utilização de filmagens do banco de dados do “ <i>Projeto Integrado ‘Processos de adaptação de bebês à creche’</i> .” (p. 295) Essas filmagens foram feitas em situação natural, durante os três primeiros meses de frequência dos bebês na creche, com câmera móvel, por dois técnicos especializados, que tinham como um de seus focos principais as interações criança-criança. O material tem aproximadamente 75 horas de duração.
Para quê / como	Para que a partir do material bruto pudesse ser feita uma seleção para análise. Para isso, todo o material foi assistido e recortado, seguindo alguns critérios: proximidade (ou aproximação) física dos parceiros, olhares e posturas dirigidas ao outro. Depois disso, os episódios foram revistos e transcritos, incluindo local onde se desenvolve a interação, bebês participantes, outras pessoas presentes e atividades realizadas; além da seqüência em que cada evento ocorre, e se e como um afeta o outro. Os dados gerados são descritos, sendo analisados quatro episódios de interação entre bebês de forma qualitativa, levando em conta os aspectos de encontros fortuitos e aleatórios, geradores de uma interação entre os bebês.

Outros recursos de coleta	Além do vídeo não foi utilizado outro recurso.
Sujeitos	21 crianças de uma creche universitária (filhos de funcionários, alunos e docentes), entre 4 e 14 meses e seis educadoras responsáveis diretamente pelas crianças
Tipo de estudo	Estudo não-longitudinal e não comparativo entre grupos.
Justificativa(s) para o uso do vídeo	- Porque o vídeo permite que possam ser observados esses eventos de interação entre bebês, descritos pelos pesquisadores como episódios <i>“muito mais fugazes, desordenados, pouco estruturados e pouco intencionais.”</i> (p. 296)

Pesquisas voltadas para o estudo do desenvolvimento de crianças:

Tabela 13:

<p>SILVA, Silvia Maria Cintra da. Condições sociais da constituição do desenho infantil. <u>Psicol. USP</u>, São Paulo, v.9, n.2, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641998000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 set. 2009. doi: 10.1590/S0103-65641998000200008.</p>	
Proposta de pesquisa	A pesquisa investiga algumas condições sociais da produção da atividade gráfica, tendo seu enfoque no processo do desenho e não em seu produto. Para isso, estuda tanto as relações sociais durante a produção do desenho, como a manipulação de materiais durante a atividade.
Tipo de vídeo	Filmagem feita em situação natural, em sala de aula, semanalmente (por um período de nove meses), cada sessão com duração de filmagem de 20 minutos, com câmera focalizada em uma mesa, na qual sentavam três crianças, que se revezavam a cada semana.
Para quê / como	Para fazer a transcrição dos vídeos, e depois analisar através dos seguintes temas: <ol style="list-style-type: none">1. A exploração dos materiais;2. As mediações de pares e professora na produção gráfica através da fala e do desenho3. Fala da criança durante a produção gráfica.
Outros recursos de coleta	Desenhos de crianças pré-escolares.
Sujeitos	Crianças pré-escolares, de 3, 4 e 5 anos, de nível sócio-econômico baixo, atendidas gratuitamente por uma creche particular; e as professoras de cada sala.
Tipo de estudo	Apesar de se estender por nove meses, o estudo não é longitudinal, pois focaliza seu estudo na investigação das relações e não em seu desenvolvimento e modificações ao longo do tempo. A pesquisa não é comparativa entre

	grupos.
Justificativa(s) para o uso do vídeo	- Por permitir que seja feita uma transcrição detalhada do material, contemplando falas e ações dos participantes.

* * *

Tabela 14:

<p>CARVALHO, Alysson Massote. Fatores contextuais na emergência do comportamento de cuidado entre crianças. <u>Psicol. Reflex. Crit.</u>, Porto Alegre, v.13, n.1, 2000. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722000000100010&lng=en&nrm=iso>. acce10.1590/S0102-79722000000100010.</p>	
Proposta de pesquisa	A pesquisa investiga o comportamento de cuidar, em crianças pequenas, em diferentes ambientes institucionais, relacionando o tipo de cuidado com os diferentes contextos (instituições) em que aparecem.
Tipo de vídeo	Filmagem feita em situação natural de recreação livre, em sessões de 20 minutos, a cada dois meses, durante 24 meses, utilizando-se técnica de observação de sujeito focal.
Para quê / como	O material bruto foi editado, chegando numa edição de 720 episódios, com duração de aproximadamente 16 horas. Desses, 50% foram recortados por três observadores independentes. As subcategorias de comportamento de cuidado analisadas foram as seguintes: contato afetivo; entreter; ajudar e brincar de cuidar. Os dados gerados a partir dos vídeos, foram analisados através de técnicas estatísticas, com a finalidade de comparar a ocorrência e frequência de cada subcategoria, nos diferentes contextos (instituições).
Outros recursos de coleta	Além do vídeo não foi utilizado outro recurso.
Sujeitos	30 crianças (com média de idade de 28 meses), de duas pré-escolas e um orfanato ^{viii} , distribuídas igualmente quanto ao sexo e à instituição.

Tipo de estudo	Estudo não-longitudinal, pois apesar de contemplar um período de coleta de dados de dois anos, a análise feita pela pesquisa não foi de caráter longitudinal. Comparativa entre três grupos, de acordo com os contextos institucionais nos quais os sujeitos estavam inseridos (Pré-escola A, Pré-escola B e Orfanato).
Justificativa(s) para o uso do vídeo	- Permite que três observadores independentes possam ver as imagens, tendo, para esse estudo, um índice de fidedignidade de 96,1%. - Permite que seja feita uma ampla coleta, durante dois anos, que depois pode ser editada.

* * *

Tabela 15:

MALUF, Maria Regina; MOZZER, Geisa Nunes de Souza. Operações com signos em crianças de 5 a 7 anos. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v.16, n.1, abr. 2000.

Proposta de pesquisa	A pesquisa se inspira em experimentos realizados por Leontiev (1932) ^x , que estudam o papel dos signos na atenção voluntária e na memória. Busca-se com o presente estudo <i>“investigar a utilização dos signos da cultura como mediadores auxiliares e recursos mnemônicos.”</i> (p. 64)
Tipo de vídeo	Filmagem em situação de laboratório, de um sujeito por vez, de atividade proposta pela pesquisadora, consistindo em um jogo, com duas instruções e dividido em três tarefas: <i>“Tarefa 1: responder as questões sobre cores de objetos, obedecendo as duas instruções, sem o auxílio dos cartões coloridos e sem a ajuda do adulto.</i> <i>Tarefa 2: responder as questões sobre cores de objetos, utilizando os cartões coloridos como recursos mnemônicos externos, para facilitar a observância das instruções.</i> <i>Tarefa 3: responder as questões sobre cores de objetos, utilizando os cartões coloridos como recursos externos e contando com a ajuda do adulto, que oferece dicas e faz sugestões sobre como utilizar os cartões, para facilitar a observância das instruções.”</i> (p. 65)

Para quê / como	<p>Serve para ser feita uma análise qualitativa das situações investigadas, levantando-se alguns aspectos, como:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Crianças mais novas (grupo 1) falavam mais consigo mesmas antes de responder às questões. - Crianças mais velhas (a partir do grupo 2), demonstravam maior preocupação em seguir as instruções. - Crianças do grupo 4 passaram a utilizar os signos propostos pela pesquisa com maior facilidade, já na tarefa 2, sem necessidade de auxílio do adulto. <p>(p. 67)</p>
Outros recursos de coleta	Anotações durante as sessões, feitas pela pesquisadora.
Sujeitos	<p>40 crianças de 5 a 7 anos, de uma escola particular da cidade de Goiânia, de nível sócio-econômico médio, que passaram por um pré-teste para avaliar reconhecimento e nomeação de cores. Somente as crianças que demonstraram possuir essas habilidades foram selecionadas. Depois disso, foram divididas em quatro grupos, seguindo um critério por faixa etária:</p> <p>Grupo 1: Dez crianças de 5,0 a 5,6 anos; Grupo 2: Dez crianças de 5,7 a 6,0 anos; Grupo 3: Dez crianças de 6,1 a 6,6 anos; Grupo 4: Dez crianças de 6,7 a 7,0 anos.</p>
Tipo de estudo	Estudo não longitudinal e comparativo entre 4 grupos (divididos por idade), em relação à tarefa e tipo de instrução.
Justificativa(s) para o uso do vídeo	- Permite que o pesquisador faça anotações durante a situação experimental, para análise quantitativa e qualitativa; e também por <i>“permitir uma análise mais acurada do material.”</i> (p. 65)

Relação entre médico e paciente:

Tabela 16:

<p>FERNANDES, Ceres Regina Dias e BRITTO, Ilma A. Goulart de Souza. Atuação médica frente ao paciente portador de HIV no contexto ambulatorial. <u>Rev. bras. ter. comport. cogn. [online]</u>. dez. 2005, vol.7, no.2 [citado 10 Setembro 2009], p.205-218. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452005000200006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1517-5545.</p>	
Proposta de pesquisa	<p>A pesquisa estuda a relação construída entre médico e paciente portador do HIV, durante a primeira consulta após o diagnóstico de HIV, estudando as respostas (tanto dos médicos como dos pacientes) em relação à função potencialmente facilitadora e não facilitadora de adesão ao tratamento.</p>
Tipo de vídeo	<p>Filmagem feita em situação natural, em consultório médico ambulatorial, de um hospital público especializado no atendimento de portadores de HIV , da primeira consulta com o paciente portador de HIV, após seu diagnóstico. Foi utilizada uma câmera de vídeo fixa, instalada próxima à díade, com o intuito de captar com maior precisão os sons emitidos.</p>
Para quê / como	<p>Para categorização dos dados foram utilizadas folhas de registro, que continham espaço para iniciais e o número da díade; atividade a ser desenvolvida; data de observação e espaço para registro de categorias comportamentais. Nas folhas de registro nas quais foram registrados os comportamentos dos médicos, havia espaço para se registrar comportamentos verbais e não-verbais do médico, considerados facilitadores e não facilitadores de adesão ao tratamento. No caso das folhas para registro dos comportamentos dos pacientes, havia espaço para registro de comportamentos verbais e não-verbais, indicativos de sua adesão ou não-adesão ao tratamento.</p> <p>Foi feita uma transcrição de todas as sessões de vídeo,</p>

	<p>com todas as verbalizações do médico e do paciente. As transcrições foram lidas diversas vezes, e as falas em que apareciam possíveis referências à adesão foram sublinhadas. Essas falas foram analisadas, a partir do conceito de comportamento verbal de Skinner (1957/1978)^x, nas seguintes categorias: ação verbal facilitadores de adesão; ação verbal não-facilitadora de adesão; relato indicativo de adesão e relato indicativo de risco para a adesão.</p> <p>Os comportamentos não-verbais foram analisados nas seguintes categorias: ação não-verbal facilitadora de adesão; ação não-verbal não-facilitadora de adesão; ação não-verbal indicativa de adesão e ação não-verbal indicativa de não-adesão.</p> <p>Os dados gerados são analisados a partir de metodologia descritiva.</p>
Outros recursos de coleta	Além do vídeo não foi utilizado outro recurso.
Sujeitos	4 díades de médico-paciente. Sendo todos os médicos infectologistas, com pelo menos 5 anos de experiência na área; e os pacientes portadores de HIV.
Tipo de estudo	Estudo não-longitudinal e não comparativo entre grupos.
Justificativa(s) para o uso do vídeo	- Permite que seja feita uma transcrição minuciosa das falas, a fim de estudar o comportamento verbal; e dos movimento e ações, indicativos de ações não-verbais.

Estudo de interações através de material publicitário:

Tabela 17:

MOURA, Luciana Teles; GARCIA, Agnaldo. Convivendo no intervalo: relacionamento interpessoal de crianças em comerciais de televisão voltados para o público infantil. <u>Psicologia em Revista</u> , Belo Horizonte, v. 13, n.1, pp. 107-122, jun. 2007.	
Proposta de pesquisa	A pesquisa estuda comerciais de televisão, voltados para o público infantil, identificando e analisando as interações sociais presentes e o papel dos produtos anunciados nessas relações.
Tipo de vídeo	Vídeos previamente produzidos, gravados de um canal de televisão por assinatura, com programação voltada exclusivamente à crianças. Foram gravadas 98 horas (14 horas diárias – das 8h00 às 22h00 – durante uma semana). Foram identificados 2039 comerciais veiculados nesse período. Mais da metade eram comerciais da própria emissora. Dos restantes (867 comerciais), foram identificados 46 diferentes, dos quais 36 incluíam crianças interagindo, e que foram selecionados para análise.
Para quê / como	Para analisar o tipo de relacionamento veiculado em comercial para o público infantil, a partir de: referência a relacionamento interpessoal e participantes; cenários e atividades; e aspectos psicossociais dos relacionamentos.
Outros recursos de coleta	Além do vídeo não foi utilizado outro recurso.
Sujeitos	Não há sujeitos.
Tipo de estudo	É um estudo não longitudinal e não comparativo entre grupos.
Justificativa(s) para o uso do vídeo	- Por se tratar de uma pesquisa que investiga comerciais televisivos, o vídeo é a “matéria prima” da pesquisa, não sendo possível outra forma de coleta nesse caso.

ANÁLISE

As tabelas de cada pesquisa foram organizadas seguindo a seguinte ordem: “proposta de pesquisa”, “tipo de vídeo”, “para quê / como”, “outros recursos de coleta”, “sujeitos”, “tipo de estudo” e “justificativa(s) para o uso do vídeo”. Foi escolhida essa seqüência por ela permitir um bom entendimento da pesquisa e de como o vídeo se insere nela. Para análise, porém, essa seqüência foi modificada, a fim de num primeiro momento caracterizar as pesquisas que utilizam o vídeo (proposta de pesquisa, sujeitos, tipo de estudo e outros recursos de coleta), para depois falar especificamente sobre como e porque ele é utilizado (tipo de vídeo, para quê / como, e justificativas para o uso do vídeo).

Proposta de pesquisa:

Muitas são as propostas de pesquisa levantadas nesse estudo. A fim de organizá-las e categorizá-las, elas foram divididas em 5 grandes categorias, que por sua vez, foram divididas em sub-categorias, como segue no quadro abaixo:

(os números entre parênteses indicam a quantidade de pesquisas)

<p>1. Interação / Relação (total de pesquisas = 12)</p> <p>1.1. Interação social</p> <p> 1.1.1. de pacientes psicóticos (2)</p> <p> 1.1.2. em comerciais para o público infantil (1)</p> <p>1.2. Relação mãe-bebê</p> <p> 1.2.1. trocas interativas (2)</p> <p> 1.2.2. brincar (1)</p> <p> 1.2.3. comunicação (1)</p> <p>1.3. Relação adulto-bebê em situação de alimentação (1)</p> <p>1.4. Relação criança com síndrome de Down e seus pais (1)</p> <p>1.5. Interação entre bebês (1)</p> <p>1.6. Interação de cuidado entre crianças (1)</p> <p>1.7. Relação médico-paciente (1)</p>

2. Processos (total de pesquisas = 2)

2.1. Processos de produção, socialização e apropriação de significações (1)

2.2. Processo de produção gráfica de crianças pré-escolares (1)

3. Testar uma metodologia (total de pesquisas = 1)

4. Investigação de condutas do espectro do autismo em crianças com deficiência visual congênita (total de pesquisas = 1)

5. Papel dos signos na atenção voluntária e memória (total de pesquisas = 1)

É possível perceber, que apesar da existência de 5 categorias, a maior parte (12) se concentra na primeira categoria, que tem como proposta de pesquisa estudar a interação ou relação entre as pessoas. Essa categoria foi dividida em subcategorias, a fim de melhor categorizar cada um desses aspectos do estudo, delimitando melhor suas propostas. Das quatro categorias restantes, apenas uma delas contempla mais de uma pesquisa, que é a categoria que estuda processos. As outras categorias (3., 4. e 5. – ver quadro) contemplam apenas uma pesquisa em cada.

Isso parece indicar, que das pesquisas estudadas, há uma grande concentração nessa grande área que se propõe a estudar a relação e/ou a interação. Como isso ocorre? A interação pode ser estudada em pacientes adultos, psicóticos, como é o caso de Bandeira et al. (2003) e Bandeira et al. (2004). Mas essa interação social também pode ser estudada em crianças, como em Moura et Garcia (2007), que estudam a interação social de crianças, em comerciais de televisão, voltados para o público infantil. Também pode ser estudada a relação entre médico e paciente, como em Fernandes et Brito (2005). Outros pesquisadores, como Silva et Dessen (2003) e Alysson (2000), fazem estudos que envolvem crianças. Os achados parecem novamente indicar uma grande área dentro dessa categoria, que são as pesquisas que envolvem o estudo de bebês, seja a interação e/ou relação entre eles, ou envolvendo algum adulto.

Das seis pesquisas que envolvem o estudo de bebês, apenas em Vasconcelos et al. (2003) há a investigação de relações entre bebês, as outras cinco, estudam o bebê em interação com outro adulto. Seabra et Seidl de Moura (2005) estudam a interação do bebê com um adulto, em situação de alimentação.

Nesse caso, o estudo se faz da interação do bebê com a sua mãe e também com a cuidadora responsável por ele, na creche. As restantes quatro pesquisas, estudam exclusivamente a relação e interação do bebê com a sua mãe. Seja esse o estudo de trocas interativas, como em Ribas e Seidl de Moura (1999) e Seidl de Moura et al. (2004); do brincar, como em Dias (2004) ou da comunicação, como em Lyra (2000).

Isso indica, que apesar da diversidade de categorias levantadas, há uma concentração nos estudos sobre interação e/ou relação, e mais especificamente, naqueles que se voltam para interação que envolvem bebês, novamente, com uma concentração no estudo da relação/interação entre mãe e bebê.

Sujeitos:

Não há um único “tipo” de grupo de sujeitos estudados em pesquisas que utilizam o vídeo em seu método. Para isso, eles estão organizados no quadro abaixo:

(os números entre parênteses indicam a quantidade de pesquisas)

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none">1. Bebês com TEA e adultos que se relacionam com ele (1)2. Díade(s) mãe-bebê (4)3. Díade bebê-adulto (não apenas a mãe) (1)4. Bebês em ambiente educacional (2)5. Famílias com crianças com síndrome de Down (1)6. Díades mãe-criança, sendo criança com deficiência visual congênita (1)7. Crianças em ambiente educacional (3)8. Homens adultos, pacientes psiquiátricos (2)9. Díades médico-paciente (1)10. Ausência de sujeito (1) |
|---|

Esses dados mostram que há sujeitos em quase todas as faixas etárias, não tendo sido encontrada, portanto não estudada, nenhuma pesquisa com sujeitos idosos. Há uma predominância de pesquisas que envolvem bebês e crianças, e dentro disso, as que estudam a interação deles com adultos. As restantes estudam: homens adultos, pacientes psiquiátricos; díades médico-paciente com HIV e há uma pesquisa que não tem sujeitos (Moura e Garcia, 2007), por estudar interações em comerciais de televisão.

Tipo de estudo:

Para esse item, as pesquisas foram categorizadas em dois aspectos: estudo **longitudinal** ou **não-longitudinal**; e estudo **comparativo entre grupos** e estudo **não comparativo entre grupos**.

Define-se por estudo **longitudinal** aquele que acompanha o(s) sujeito(s) por um período maior que um encontro, com uma distância de tempo entre eles, tendo como um de seus objetivos estudar as mudanças ocorridas nesse tempo. Assim, das pesquisas estudadas, apenas 3 delas fazem um estudo longitudinal, como é o caso de Ribas et Seidl de Moura (1999), que estudam as transformações das trocas interativas mãe-bebê, no período inicial de vida do bebê, e para isso, acompanham uma díade mãe-bebê em quatro momentos: quando o bebê tinha 2 semanas, 10 semanas, 15 semanas e 21 semanas.

O restante das pesquisas, a maioria delas (14), faz um estudo **não-longitudinal**. Esse tipo de estudo não busca estudar mudanças ocorridas ao longo de um tempo, e mesmo que a pesquisa tenha um período de coleta que dure semanas ou meses, o enfoque não é nas transformações ocorridas durante esse tempo, e sim em um aspecto específico. Esse é o caso de Carvalho (2000), que faz uma coleta de dados que dura 24 meses, porém em seu estudo investiga pontualmente o comportamento de cuidar entre crianças, sem se ater às suas transformações durante esse período. Isso também ocorre em Silva (1998), que acompanha crianças de uma escola e suas produções gráficas, por um período de 9 meses, porém em seu estudo, investiga o processo do desenho, sem estudar suas transformações ao longo desse tempo.

Porém o estudo não-longitudinal também é feito em um encontro único, com uma única sessão de filmagem, como é o caso de Bandeira et al. (2003), que estudam vídeos feitos em situação de laboratório, em uma sessão com quatro situações sociais diferentes. E de Fernandes et Brito (2005), que ao estudarem a relação construída entre médicos e pacientes, investigam pontualmente os comportamentos dos participantes durante a primeira consulta, após o diagnóstico de HIV.

Das pesquisas que fazem um estudo **comparativo entre grupos**, 4 delas comparam dois grupos; uma compara três grupos; e uma compara quatro grupos. Ao comparar dois grupos, as quatro pesquisas estudadas utilizam um grupo controle e um grupo experimental. Esse é o caso de Garcia (2006), que compara vídeos familiares de crianças com TEA (transtorno do espectro autista) e com DT (desenvolvimento típico). Também Sousa, Bosa et Hugo (2005), que comparam um

grupo de crianças com deficiência visual congênita e outro com crianças com desenvolvimento típico. Essas pesquisas buscam, em seus estudos, investigar diferenças entre esses grupos, visando assim encontrar características típicas de cada um dos grupos.

Carvalho (2000), compara o comportamento de cuidar entre crianças em três contextos diferentes, de acordo com a instituição da qual fazem parte, sem ter um grupo controle. Maluf et Mozzer (2000), comparam quatro grupos de crianças, separadas por idade, a fim de investigar as operações com signos em cada uma das faixas etárias delimitadas pela pesquisa, também sem um grupo controle.

As pesquisas que fazem um estudo **não comparativo entre grupos**, são a maioria (11 delas), e tem objetivos variados em seus estudos. Esse é o caso de Dias (2004), que explora o brincar desenvolvido na relação mãe/bebê, sem o intuito de comparar grupos. Também em Seabra et Seidl de Moura (2005), que estudam a relação entre adulto/bebê em momentos de alimentação. E em Zanella et Andrada (2002), que estudam uma situação de brincadeira entre uma professora e dois bebês, investigando os processos de produção, socialização e apropriação de significações.

Outros recursos de coleta:

Das pesquisas estudadas, apenas 7 delas utilizam outro recurso de coleta, além do vídeo. Os recursos utilizados, para complementar os dados, foram: questionários, entrevistas semi-estruturadas, anotações dos pesquisadores durante o momento de coleta, e desenhos feitos pelos participantes da pesquisa. Para a maioria das pesquisas (10 delas), apenas o vídeo bastou para se gerar dados suficientes para análise.

Isso indica que o vídeo sozinho é capaz de gerar dados de análise, como em Vasconcelos et al. (2003), que utilizam um material bruto de 75 horas em vídeo, de crianças interagindo em creche, a fim de se fazer um recorte desse material, selecionando o que é adequado e gerador de dados para o estudo.

Porém outros recursos podem enriquecer a pesquisa, quando se visa, por exemplo, comparar o que é observado com o que é dito, como em Seidl de Moura et al. (2004). Tendo como um de seus objetivos investigar as concepções da mãe acerca das competências do bebê, além das imagens filmadas (em situação natural), utilizam a aplicação de um questionário, que visa investigar essas concepções da mãe, a analisar os dados conjuntamente.

A escolha do vídeo como único recurso de coleta, ou de outros recursos a fim de se complementar o estudo, varia com os objetivos buscados pelo pesquisador, não tendo uma única maneira correta e mais eficaz.

Tipo de vídeo:

Os tipos de vídeos utilizados pelas pesquisas foram organizados nas seguintes categorias, mostrados no quadro abaixo:

(os números entre parênteses indicam a quantidade de pesquisas)

<p>1. Vídeo feito para fins de pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none">1.1. Filmagem feita em situação de laboratório (6)1.2. Filmagem feita em situação natural (10) <p>2. Vídeo feito para outros fins, que não os de pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none">2.1. Vídeos familiares (1)2.2. Vídeos publicitários (1)

No geral, as pesquisas utilizam apenas um tipo de vídeo, com exceção de Lyra (2000), que utiliza tanto imagens filmadas em situação natural, de díades mãe-bebê em casa; como também em situação de laboratório, de díades mãe-bebê.

A **filmagem em situação de laboratório** consiste num registro, que no geral é feito em ambiente de laboratório, que trata de uma situação não livre, com algum tipo de regra que sai da rotina “habitual” dos sujeitos, e/ou atividade direcionada. Porém pode ocorrer em um ambiente natural, como em Silva et Dessen (2003), em que famílias são filmadas em casa, porém seguindo uma proposta direcionada pelas pesquisadoras. Nesse caso, a proposta era de atividade livre, na qual as famílias deveriam seguir atividades de lazer e brincadeiras, excluindo aquelas de rotina de cuidado com a casa e de higiene da criança.

Bandeira et al. (2003) propõe uma situação de desempenho de papéis, na qual os sujeitos e seus interlocutores, representavam situações cotidianas entre membros de uma família. Sousa, Bosa et Hugo (2005) filmam uma sessão de brinquedo livre, com duração de 30 minutos, nos quais a mãe é orientada a brincar com seu filho, sem nenhum tipo de instrução sobre como brincar. Maluf et Mozzer (2000) propõe uma atividade, composta por três tarefas, em que cada um dos sujeitos, individualmente, deve participar (ver tabela 15).

A **filmagem em situação natural** consiste num registro, feito em ambiente natural, sem proposta direcionada, que visa captar a própria rotina do(s) sujeito(s). Exemplos de ambientes: casa, creche, escola, consultório médico.

Dias (2004) utiliza filmagem feita na casa dos sujeitos da pesquisa, da mãe e do bebê, em situações de banho e alimentação. Ribas et Seidl de Moura (1999) utilizam imagens feitas por um observador, seguindo a rotina habitual da díade, quando apenas a mãe e o bebê estavam presentes em casa. O registro tinha duração de 30 minutos. Seabra et Seidl de Moura (2005) filmam uma díade adulto-bebê em ambiente de creche e na casa do bebê, em situação de alimentação. Carvalho (2000) e Vasconcelos et al. (2003) utilizam imagens filmadas em creche. E Fernandes et Britto (2005) filmam situações de primeira consulta médica, em consultório ambulatorial.

Os **vídeos familiares** são vídeos do acervo pessoal dos sujeitos da pesquisa, que mostram situações de anos anteriores ao momento em que a pesquisa é feita. Garcia (2006) estuda vídeos de crianças atualmente diagnosticadas com TEA (transtorno do espectro autista, de quando tinham 12 meses de idade.

E os **vídeos publicitários** são comerciais televisivos, selecionados de um canal de televisão. Nesse caso (Moura e Garcia, 2007), são comerciais voltados para crianças, selecionados de um canal de televisão com programação voltada ao público infantil.

Além dessas categorias, há também uma outra possibilidade, que é o uso de **material já produzido anteriormente para fins de pesquisa**. Bandeira et al. (2004) utilizam filmagens feitas em situação de laboratório e Vasconcelos et al. (2003) utilizam imagens do banco de dados do Projeto Integrado "*Processos de adaptação de bebês à creche*" (p. 295), que consistem em imagens filmadas em situação natural, em creche, durante o período inicial de adaptação dos bebês.

Esses dados mostram que há diversas possibilidades de uso de material videográfico para o estudo, e que há uma concentração naqueles produzidos para fins de pesquisa. Isso mostra que os pesquisadores, ao terem uma situação problema, definem o tipo de imagem que precisa ser coletada, e a partir disso, decidem por captar novas imagens, em situação natural ou em situação de laboratório. Além disso, também mostram que há uma variabilidade dentro de cada categoria, o que indica que a decisão pelo tipo de ambiente e situação estão ligados à proposta de cada pesquisa. Isso pode ser observado em Vasconcelos et al. (2003), que escolhem imagens em situação natural, para que possam estudar interações criança-criança iniciadas ao "acaso". E Maluf et Mozzer (2000), que ao

estudarem o papel dos signos na atenção voluntária e memória, optam por planejar uma situação experimental, baseada em experimentos realizados por Leontiev (1932)^{xi}.

Para quê / como:

Esse item visa discutir para quê o vídeo é utilizado e como. Para isso, as categorias foram organizadas no quadro abaixo:

(os números entre parênteses indicam a quantidade de pesquisas)

<p>1. Transcrição (8) quando é feita, de alguma maneira, transcrição do material em vídeo.</p> <p>2. Categorização (9) divisão por categorias de comportamento, ações, e a separação dos dados nessas categorias, para futura análise.</p> <p>3. Material específico para registro (5) utilização de material desenvolvido para o registro de vídeo, desenvolvido para a pesquisa, ou adaptado de outros estudos.</p> <p>4. Divisão do tempo (4) em cenas, episódios, ou em intervalos fixos.</p> <p>5. Observação clínica da filmagem (1)</p> <p>6. Edição (5) de material bruto, a fim de se selecionar cena(s) específica(s) para análise, de acordo com o objetivo da pesquisa.</p> <p>7. Análise por temas (3) através de situações, contextos diferentes.</p>
--

1. Transcrição: são oito as pesquisas que fazem transcrição do material coletado, porém são diversas as maneiras como essas transcrições são feitas. Garcia (2006) transcreve as cenas descrevendo ações, expressões faciais e corporais, falas e vocalizações. Já Lyra (2000) segue o modelo da microanálise, que consiste numa análise segundo-a-segundo. Vasconcelos et al. (2003) transcrevem os episódios, descrevendo a seqüência na qual os eventos ocorrem, e se e como um afeta o outro. Zanella et Andrada (2002) fazem uma transcrição através das ações e falas. Fernandes et Britto (2005) fazem uma transcrição de todas as verbalizações feitas.

2. Categorização: nove pesquisas organizam em categorias os dados a serem analisados. Podem ser categorias do comportamento de olhar, como em Bandeira et al. (2003), ou categorias de comportamento, como olhar para pessoas; olhar para objetos; ignorar pessoas; ação dirigida aos objetos; ajustar sua ação com a ação de pessoas, em Garcia (2006). Ou então, categorização de ações, como em Seabra et Seidl de Moura (2005), que separam ações em gestos, vocalizações, fala, entre outros (ver tabela 10).

3. Material específico para registro: cinco pesquisas utilizam material específico para registro, desenvolvido para a pesquisa, ou adaptado de outros estudos. Fernandes et Britto (2005) utilizam folhas de registro, com espaço para iniciais e número da diáde, além de data de observação e espaço para registros comportamentais. Sousa, Bosa et Hugo (2005) fazem uma adaptação de um protocolo de registro, acrescentando categorias específicas à deficiência visual congênita. Esse protocolo de registro continha a catalogação de comportamentos feitos pela mãe e feitos pela criança. Ribas et Seidl de Moura (1999) utilizam uma planilha desenvolvida para o estudo que faziam, chama "*Folha de Registro de Interação e Atividades (FRIA)*" (p.277) e nela registravam a ocorrência ou não de cada categoria de análise.

4. Divisão do tempo: Sousa, Bosa et Hugo (2005) dividem o tempo em episódios, que foram delimitados da seguinte maneira: "*Os episódios tinham seu início quando a criança se dirigia ao parceiro para a realização de uma atividade e terminavam quando o foco de interesse mudava para outro objeto ou evento, registrando-se o tempo de início e término de cada episódio em minutos e segundos.*" (p. 359). Já Seabra et Seidl de Moura (2005), Ribas et Seidl de Moura (1999) e Seidl de Moura et al. (2004) dividem o tempo em intervalos fixos de 30 segundos.

5. Observação clínica: Dias (2004) utiliza o vídeo para fazer uma observação clínica da filmagem, e a partir dessa observação, fazer interpretações.

6. Edição: A edição do material bruto consiste numa captação maior de imagens do que aquilo que será usado para análise, e pode ser feita de diversas maneiras, sempre como objetivo selecionar aquilo que é adequado para a pesquisa. Garcia (2006) seleciona 20 cenas para análise, definindo cada cena como aquela que se inicia com "*o registro das ações dos participantes até o momento que o registro dessas ações é interrompido definitivamente*"; (p. 67), tendo como um dos critérios uma duração mínima de 40 segundos. Vasconcelos et al. (2003) seguem o critério de proximidade física dos parceiros, olhares e posturas dirigidas ao outro para se fazer uma primeira seleção, e a partir dessa seleção, editar aquelas em que

ocorrem as interações entre bebês. Zanella et Andrada (2002) tem um material bruto de 12 horas, que consiste nas filmagens de um dia de creche, e a partir disso, fazem a seleção de uma cena para análise, que contempla os objetivos da pesquisa.

7. Análise por temas: A análise por temas se diferencia da categorização de comportamentos ou ações, primeiro por não dividi-los em categorias, e em segundo, pela sua divisão consistir em “temas de análise”, como faz Silva (1998), que analisa o processo de produção de desenho dividindo e analisando-os nos seguintes temas: exploração dos materiais; mediações de pares e professora na produção gráfica através da fala e do desenho; e fala da criança durante a produção gráfica.

Assim como o item “justificativas para o uso do vídeo” (ver adiante), as informações geradas não são excludentes, o que significa que uma pesquisa não usa o vídeo para um único objetivo e de uma única maneira. Por exemplo, Sousa, Bosa et Hugo (2005) fazem uma transcrição do material (1.) ao mesmo tempo que para isso, utilizam um material específico para registro (3.). Ribas et Seidl de Moura (1999) também utilizam material específico para registro, porém não para transcrição, e sim para categorização (2.), registrando numa planilha a ocorrência ou não de cada categoria de análise. E Garcia (2006) faz uma transcrição (1.) sem seguir nenhum material específico para registro. Outras combinações podem ser feitas, como edição (6.) e transcrição (1.) do material editado. Fazem isso: Garcia (2006), Vasconcelos et al. (2003) e Zanela e Andrada (2002).

Esses dados mostram a diversidade de como trabalhar com o vídeo. Foram levantadas oito categorias, sendo que dentro dessas oito, a maneira como o vídeo é trabalhado em cada uma difere de uma pesquisa a outra.

Justificativas para o uso do vídeo:

As justificativas para o uso do vídeo, diferente de categorias como “proposta de pesquisa”, não geram informações excludentes umas das outras. Se uma pesquisa estudava o brincar na relação mãe-bebê, não poderia ao mesmo tempo estudar a relação entre médico e paciente. Assim, uma pesquisa pode ter mais de uma justificativa ao usar o vídeo.

As justificativas para o uso do vídeo foram levantadas das seguintes formas: ou quando os pesquisadores explicitavam em seu texto a própria justificativa, e/ou quando era possível identificar, através da leitura do relato de pesquisa, justificativas que estavam implícitas. A partir disso, foram levantadas 14 justificativas, organizadas no quadro abaixo:

(os números entre parênteses indicam a quantidade de pesquisas)

1. Permite que mais de uma pessoa possa avaliar a mesma situação; permite que possa ser feita uma concordância entre juízes; possibilidade de se calcular índice de fidedignidade. (7)
2. Análise de mais de uma categoria de observação, da mesma situação filmada. (6)
3. Permite transcrição detalhada, minuciosa, contemplando diferentes aspectos da observação (falas, gestos, expressão facial). (5)
4. Permite seleção de material para análise, a partir de material bruto. (5)
5. Observador pode rever a cena. (4)
6. Permite análise qualitativa das interações. (3)
7. Análise em intervalos fixos de 30 segundos. (3)
8. Observador pode fazer 3 medidas do mesmo trecho, para obter maior precisão. (2)
9. Acesso a vídeos de momento anterior ao diagnóstico (de TEA). (1)
10. Disponibilização do material, para futuros estudos, a fim de enriquecer o que foi levantado pela pesquisa. (1)
11. Microanálise: análise segundo-a-segundo. (1)
12. Análise mais acurada. (1)
13. Permite que o observador faça anotações durante situação experimental. (1)
14. Por ser a “matéria prima” do estudo (comerciais de televisão). (1)

1. Sete pesquisas justificam o uso do vídeo por esse permitir que mais de um observador possa avaliar a mesma situação (em momentos diferentes), sendo assim possível se fazer uma concordância entre juízes, a fim de se calcular um índice de fidedignidade, visando um valor alto (no geral entre 85% e 100%), que define um bom “acordo entre juízes”. Bandeira et al. (2003) tem os comportamentos registrados por dois pares de juízes, que assistiam ao vídeo independentemente um do outro. Ribas et Seidl de Moura (1999) selecionam aleatoriamente 20% dos trechos em vídeo, para serem assistidos por dois juízes, a fim de se calcular o índice de fidedignidade. E Carvalho (2000) que submete as imagens a três observadores independentes, e que chegam a um índice de fidedignidade de 96,1%.

2. Seis pesquisas justificam o uso do vídeo, por esse permitir que mais de uma categoria de observação, da mesma situação filmada, possa ser observada. Como Bandeira et al. (2003), que dividem o comportamento do olhar em quatro categorias: proporção da duração do contato visual, frequência/minuto do contato visual, frequência/minuto dos desvios de olhar e frequência/minuto do piscar.

3. Cinco pesquisas utilizam o vídeo por ele permitir uma transcrição detalhada do material. Garcia (2006) faz uma transcrição, que contempla falas, vocalizações, expressões faciais e corporais. Em Fernandes et Britto (2005), o vídeo permite uma transcrição minuciosa das falas e dos movimentos e ações dos participantes. Zanella et Andrada (2002) fazem uma transcrição detalhada, que contempla as ações realizadas, descritas com minúcia, e a ordem em que ocorrem.

Ao comparar os dados desse item, com o “1. Transcrição” do item “para quê / como”, nota-se uma diferença na quantidade de artigos. A princípio, poderia se esperar a mesma quantidade, visto que ambos se tratam de transcrição. A diferença é que nesse item de justificativa, estão as pesquisas que justificam o vídeo por esse possibilitar uma transcrição minuciosa e/ou detalhada. No item “para quê / como” estão organizadas todas as pesquisas que fazem uma transcrição, mas que não necessariamente justificam o uso do vídeo como possibilitador de uma transcrição detalhada.

4. Cinco pesquisas coletam uma maior quantidade de vídeos do que a analisada. Essa coleta é feita para que num segundo momento, possa ser feita uma edição desse material bruto, visando uma seleção específica para análise. Vasconcelos et al. (2003) buscam eventos de interação entre bebês, que descrevem como *“muito mais fugazes, desordenados, pouco estruturados e pouco intencionais.”* (p. 296), por isso a importância de uma extensa coleta de vídeo e posterior edição. Já Dias (2004) primeiramente filma 5 díades mãe-bebê, e para análise utiliza a filmagem de duas delas, porque *“nas mesmas o brincar está mais claro e exposto e portanto serve melhor às intenções desse trabalho.”* (p. 36). Moura e Garcia (2007) fazem uma seleção de um material bruto de 98 horas, filmadas durante uma semana, a fim selecionar os comerciais voltados para o público infantil, em que havia ao menos uma criança em interação.

5. Quatro pesquisas dizem que o observador pode rever as cenas, sempre que for necessário. Apesar de apenas quatro declararem a importância das cenas serem revistas, quando se pensa na transcrição, pode-se pensar que a revisão de cenas está implícita. Entre as pesquisas que definem esse critério estão Bandeira et al. (2003), Bandeira et al. (2004), Sousa, Bosa e Hugo (2005) e Lyra (2000).

6. Em três pesquisas o vídeo é utilizado por permitir uma análise qualitativa das interações, como em Garcia (2006), que estuda, através do vídeo, as interações do bebê com adulto e do bebê em jogos sociais.

7. Em três pesquisas é utilizado por permitir que seja feita uma análise em intervalos fixos de 30 segundos. O vídeo é dividido nesses intervalos, e a análise feita através da ocorrência ou não das categorias de análise. Utilizam esse recurso:

Ribas et Seidl de Moura (1999), Seabra et Seidl de Moura (2005) e Seidl de Moura et al. (2004).

8. Bandeira et al. (2003) e Bandeira et al. (2004) utilizam o vídeo, porque nas medidas consideradas mais difíceis, é possível que essa medida seja feita três vezes, e para análise seja considerada a mediana dessas medidas.

9. Garcia (2009) utiliza vídeos familiares, por esses permitirem que se tenha acesso a imagens de um momento anterior ao diagnóstico de TEA (transtorno do espectro autista).

10. Dias (2004) disponibiliza em biblioteca o material filmado, para futuros estudos, a fim de enriquecer os achados de sua pesquisa.

11. Lyra (2000), faz uma *microanálise*, que é uma análise segundo-a-segundo, e que só pode ser feita a partir do registro em vídeo.

12. Maluf e Mozzer (2000) utilizam o vídeo, por esse “*permitir uma análise mais acurada do material*” (p. 65).

13. Maluf e Mozzer (2000) também utilizam o vídeo, por esse permitir que o pesquisador faça anotações durante a situação experimental.

14. E Moura e Garcia (2007) utilizam o vídeo, pois por ele ser a “matéria prima” da pesquisa (comerciais televisivos), não seria possível fazer a pesquisa sem sua utilização.

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa tinha como objetivo fazer um levantamento de trabalhos científicos, na área de psicologia, que utilizavam o vídeo como parte de seu método; e com isso investigar como o vídeo entra na pesquisa e como é utilizado. A partir do que foi lido e levantado, é possível identificar que o procedimento em torno do vídeo está ligado à proposta e aos objetivos da pesquisa. Isso quer dizer que o tipo de vídeo que é escolhido, como e para quem ele é utilizado está conectado com a proposta e com o tipo de estudo. Assim, para se pensar em como utilizar o vídeo é preciso ter em mente os objetivos que se deseja atingir com o estudo.

A escolha dos 7 itens de análise (“proposta de pesquisa”; “tipo de vídeo”; “para quem / como”; “outros recursos de coleta”; “sujeitos”; “tipo de estudo” e “justificativa(s) para o uso do vídeo”) tinha como objetivo compreender esse procedimento de uso do vídeo e como ele se relacionava com a pesquisa. Apesar de itens separados, para se entender o procedimento de uso do vídeo, é preciso ter em mente que todos eles se relacionam entre si.

Ao comparar os resultados dessa pesquisa com os encontrados em Carvalho et al. (1996), é possível identificar pontos semelhantes e diferentes. A preocupação, no que diz respeito à precisão ou coerência com que o fenômeno é apreendido, pode ser também observada em alguns estudos aqui levantados, como em Bandeira et al. (2003); Bandeira et al. (2004); Sousa, Bosa et Hugo (2005); Lyra (2000) e Fernandes et Britto (2005), entre outros. Outra semelhança entre os achados está na escolha de procedimentos de registro, transcrição e análise, pois Carvalho et al. (1996) também levantam que essas escolhas estão intimamente ligadas aos objetivos de cada estudo. No entanto, os resultados se divergem tanto na concepção de vídeo, como nos aspectos analisados. Enquanto Carvalho et al. (1996) apreendem o vídeo como forma de registro de um fenômeno a ser investigado, eu amplio essa concepção para o conceito de imagens, e que não se restringe ao registro para fins de pesquisa, mas que se aproxima a uma coleta de imagens, que podem ter sido produzidas para outras finalidades (como é o caso do uso de vídeos familiares e vídeos publicitários).

Os achados dessa pesquisa apontam para a relevância do trabalho que pode ser feito com o vídeo, dentro da pesquisa em psicologia, visto que ele é um recurso que pode ser visto e pensado a posteriori, além de permitir novos olhares. Permite também uma maior fidedignidade para análise, além de consistir em um registro para futuros estudos.

-
- ⁱ Trabalhos científicos brasileiros, franceses e um workshop de profissionais da Universidade de Haifa.
- ⁱⁱ DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) é um vocabulário estruturado e trilingue (inglês, espanhol e português) criado pela BIREME para uso na indexação de artigos de revistas científicas, livros, anais de congressos, relatórios técnicos e outros tipos de materiais. (<http://decs.bvs.br/P/decswebp2008.htm>)
- ⁱⁱⁱ Dessen (1984, 1992) apud Silva e Dessen (2003) Dessen, M. A. (1984). Interação pais-primogênito quando da chegada de uma segunda criança na família: Um estudo de caso. Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF. E Dessen, M. A. (1992). Efeitos do nascimento de uma segunda criança no comportamento e nas relações entre o primogênito e os genitores. Tese de Doutorado não-publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia: Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo, SP.)
- ^{iv} Bosa (1998), apud Sousa, Bosa et Hugo (2005). Bosa, C. (1998). Affect, social communication and self-stimulation in children with and without autism: a systematic observation study of requesting behaviours and joint attention. Unpublished doctoral dissertation, Institute of Psychiatric, University of London
- ^v Bosa (2002b), apud Sousa, Bosa et Hugo (2005). Sousa, A.D., & Bosa, C. (2002b). Manual de observação e codificação dos episódios de atividades conjuntas mãe-criança. Instituto de Psicologia UFRGS, Porto Alegre. (Instrumento de pesquisa não-publicado)
- ^{vi} Bosa (1998), apud Sousa, Bosa et Hugo (2005). Bosa, C. (1998). Affect, social communication and self-stimulation in children with and without autism: a systematic observation study of requesting behaviours and joint attention. Unpublished doctoral dissertation, Institute of Psychiatric, University of London
- ^{vii} Ribas (1996) apud Seabra et Seidl de Moura (2005). RIBAS, A. F. P. (1996). Interações precoces mãe-bebê: a gênese de zonas de construção. Dissertação de mestrado, Programa de pós-graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- ^{viii} optou-se por utilizar o termo colocado pela pesquisa, mas não é possível avaliar se esse termo está adequado ou não. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei no. 8.069 de 13/07/1990), as instituições de proteção à criança com caráter de moradia, passam a ser denominadas de Abrigo e atendem grupos pequenos (por volta de 20 crianças e/ou adolescentes). A pesquisa não descreve se a instituição estudada tem esse caráter de Abrigo, atendendo um número pequeno de crianças e adolescentes, ou se segue os padrões das grandes instituições de moradia de crianças e adolescentes, denominadas Orfanato, até a década de 1990.
- ^{ix} Leontiev (1932) apud Maluf et Mozzer (2000). LEONTIEV, A.N. (1932) Studies on cultural development of the child. Journal of Genetic Psychology, 40, 52-83.

-
- ^x Skinner (1975/1978) apud Fernandes e Britto (2005) SKINNER, B. F. (1978) O comportamento verbal. Trad. M. P. Villalobos. São Paulo: Cultrix. (trabalho original publicado em 1957)
- ^{xi} Leontiev (1932) apud Maluf et Mozzer (2000). LEONTIEV, A.N. (1932) Studies on cultural development of the child. *Journal of Genetic Psychology*, 40, 52-83.